



Projeto Diálogos com o Ensino Médio

Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador - JUBEMI

Novembro, 2012

Módulo III

Os Jovens e a Escola

Autoria

Geraldo Leão e Helen Cristina

MÓDULO 3

OS JOVENS E A ESCOLA

INICIANDO O MOSAICO

Car@ cursista,

No módulo anterior discutimos a realidade do ensino médio no Brasil. Neste módulo vamos refletir sobre a relação entre os jovens e a escola. Para isto, daremos dois passos com você: primeiro, vamos explorar diferentes abordagens sobre o que entendemos por “juventude”; depois, vamos discutir alguns elementos na relação entre os jovens alunos e a instituição escolar.

A escola é uma instituição central na vida dos jovens. Ela é um espaço de convivência e aprendizado, onde os jovens passam grande parte do seu cotidiano e fazem amigos, compartilhando experiências, valores e projetos de vida. Apesar de todas as dificuldades vividas pela escola pública no Brasil, os jovens alimentam expectativas de que o ensino médio possa contribuir para suas vidas, favorecendo a continuidade dos estudos e uma boa inserção profissional. Muitas pesquisas constataam essa pluralidade de experiências e sentidos elaborados pelos jovens em relação ao ensino médio.

Como vimos no módulo 2, a ampliação do acesso de jovens das camadas populares ao ensino médio no Brasil mudou o perfil do público desse nível escolar. Os jovens alunos do ensino médio são muito diversificados. O jeito de vestir, de falar e de se comportar desse novo público pode nos causar um estranhamento inicial. Afinal, a juventude contemporânea é muito diferente em relação ao que foi nossa experiência como jovens. Mas, na medida em que nos aproximamos deles, percebemos que há muitas possibilidades de interação e compartilhamento, com relação à escola, aos professores e aos próprios jovens, que podem ser exploradas. **Vamos dialogar um pouco sobre essas questões?**

Bom trabalho!

Geraldo Leão¹ e Helen Cristina do Carmo².

¹ Professor adjunto da Faculdade de Educação da UFMG e do Observatório da Juventude da UFMG.

² Pedagoga e Mestre em Educação pela UFMG. Professora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e membro da equipe do Observatório da Juventude UFMG.

SUPORTE

Pra começo de conversa

Você gosta de filmes? Você já assistiu algum filme que fez com que você se lembrasse dos seus alunos, dos jovens ou de alguém em especial? Convido você para assistir um trecho do documentário “Pro Dia Nascer Feliz³”. Fique à vontade para comentar suas impressões no fórum “Trocando ideias”. [Para assistir CLIQUE AQUI.](#) (<http://www.youtube.com/watch?v=LJva5DK-YOA&feature=relmfu>)

Trata-se de um documentário dirigido por João Jardim, produzido no ano de 2006. O filme⁴ apresenta um panorama das escolas brasileiras, tendo o ensino médio como cenário. Entre escolas do sudeste e nordeste, entre instituições públicas e privadas, o diretor evidencia um pouco da realidade escolar brasileira, perpassada pelos desafios encontrados por professores e alunos no cotidiano desta instituição.



Como vimos no trecho do filme, os professores e os seus jovens alunos têm igualmente muitas angústias e dúvidas. Mas na escola também são vividas muitas experiências positivas que podem transformá-la em um espaço rico de formação humana. Ao mesmo tempo em que a professora Celsa expressa seu sofrimento diante das suas condições profissionais, ela constrói um rico trabalho com seus jovens alunos e alunas, onde são discutidos vários aspectos da vida juvenil: os amores, a orientação sexual, a relação com a família, os sentimentos em relação ao futuro, etc.

O filme também retrata a diversidade presente entre os estudantes, como acontece em nossas escolas hoje. Você já parou para pensar sobre os diferentes tipos de alunos que você tem? Você já perguntou a eles sobre o que pensam da escola? Você sabe o que eles esperam dela?

³ Ficha Técnica: Título Original: Pro Dia Nascer Feliz / País de Origem: Brasil / Gênero: Documentário / Tempo de Duração: 88 minutos / Ano de Lançamento: 2006 / Estreia no Brasil: 02/02/2007 / Estúdio/Distrib.: Copacabana Filmes / Direção: João Jardim.

⁴ Assista ao filme na íntegra clicando AQUI.

(link filme na íntegra <http://video.google.com/videoplay?docid=3379496063337408357&hl=pt-BR>)

A JUVENTUDE, AS JUVENTUDES...

O que é ser jovem? O que é a juventude? Essa pergunta gera muita discussão. Não é fácil chegar a um consenso, pois temos diferentes opiniões sobre o que seja essa fase da vida. Alguns dizem que juventude é um estado de espírito, uma postura diante da vida associada à alegria, vigor, disposição, criatividade e desejo de mudança. Outros associam a juventude à idade cronológica como sendo o período situado entre a infância e a vida adulta. Para uns, é a fase que vai dos 15 aos 24 anos; para outros, a juventude começa cada vez mais cedo, por volta dos 12 ou 13 anos, e termina mais tarde, aos 29 ou 30 anos.

Cada sociedade, em diferentes contextos históricos e culturais, tende a definir um período etário no qual determinam uma série de direitos e deveres para essa fase da vida. A própria ideia de “fases da vida” não é muito precisa, pois não sabemos muito bem quando nós entramos ou saímos de um ciclo etário. No Brasil, o Estatuto da Juventude, em tramitação no Congresso Nacional, define a juventude como período que vai dos 15 aos 29 anos. Mas, do ponto de vista etário essas definições são arbitrárias e nem sempre consensuais.

“A Organização das Nações Unidas (ONU) define como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos. (...) A Organização Mundial da Saúde (OMS), instituição da ONU para a saúde, entende que a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico, que vai dos 10 aos 19 anos de idade, abrangendo a pré-adolescência (10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 a 19 anos). Já a juventude é considerada uma categoria sociológica que implica a preparação dos indivíduos para o exercício da vida adulta, compreendendo a faixa dos 15 aos 24 anos de idade. (...) No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), legislação federal de 1990 que estabelece direitos específicos para crianças e adolescentes, a adolescência é definida com a fase que vai dos 12 aos 18 anos incompletos, sendo o período imediatamente posterior à infância. (...) Enquanto no ECA a adolescência não se confunde com a juventude, a definição da ONU abarca uma parte dos adolescentes” (Ana Paula CORTI; Raquel SOUZA. *Diálogos com o mundo juvenil*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 11-12).

Podemos então concluir, que é muito difícil chegar a um acordo sobre essa categoria. A juventude é uma fase da vida que não se reduz a seu recorte etário. Os estudos da Sociologia da Juventude compreendem a juventude como uma categoria social, formada por indivíduos que compartilham as experiências de uma mesma geração. Ao mesmo tempo, os autores ressaltam que não podemos ter uma visão homogênea da juventude. Há diferenças que estão relacionadas à idade, ao desenvolvimento fisiológico e psíquico, ao nível de autonomia e independência adquiridas, bem como ao pertencimento social, étnico-racial e de gênero. Isto torna os jovens muito heterogêneos entre si.

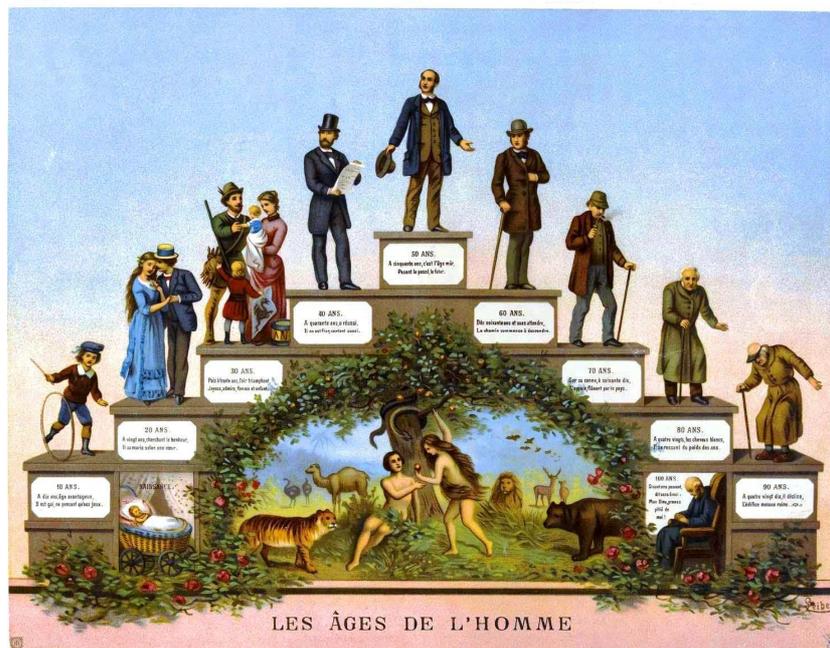
A adolescência, período que compreende a maior parte dos alunos do ensino médio, é considerada como uma primeira etapa da juventude. É uma etapa com muitas peculiaridades. Nesta fase os adolescentes começam a experimentar uma série de transformações biológicas, psíquicas e sociais que se consolidam durante os anos seguintes da juventude. Transformações no corpo, no comportamento, no humor são comuns nesse momento da vida. Os adolescentes passam a ter acesso a novas experiências e adquirem maior autonomia em relação à família e aos professores. Essa é uma fase muito rica, cheia de desejos, com possibilidades de descobertas e conquistas; mas é também marcada por erros e tropeços que causam tensão e sofrimento. Portanto, trata-se do início de um processo, no qual a escola tem um papel fundamental a cumprir como suporte e referência para os alunos.

Juventude: uma construção histórica e social

Historicamente, a juventude reconhecida como uma condição social nem sempre existiu. Podemos dizer que nas sociedades ocidentais modernas a juventude ganha visibilidade com a expansão da industrialização e o processo de urbanização das sociedades capitalistas, a partir do final do século XIX. Especialmente no pós-guerra, com a massificação da educação e do consumo, os jovens ganham visibilidade como grupo social. Antes restrita aos filhos das elites econômicas e políticas, a juventude aos poucos se estende para outros setores sociais. Assim, a noção depende muito do contexto histórico e social de cada época e lugar (Abramo, 1996).

As relações da sociedade e suas instituições sociais com os jovens são marcadas por diferentes representações sociais sobre o mundo e as culturas juvenis. Às vezes se combinam visões negativas (crise, rebeldia, ruptura, risco social) e positivas (criatividade, renovação, mudança), quase sempre a partir de imagens genéricas sobre a juventude. Uma imagem muito comum é aquela que define a juventude como uma **fase de transição**. Ela é uma fase da vida em que os sujeitos estão em processo de formação para a vida social, em que há um forte componente de experimentação. Mas às vezes isso serve de desculpa para negar o direito a ter suas próprias opiniões e fazer suas escolhas. Muitas vezes, a juventude é encarada como um “vir a ser” e o reconhecimento de suas demandas, necessidades e direitos ficam sempre adiados. Por conta disso, muitos adultos e instituições querem falar em nome dos jovens e acabam impedindo ou criando dificuldades para que eles aprendam a partir do exercício de fazer suas próprias escolhas.

É comum encontrarmos imagens sobre a juventude que a representam como um momento passageiro na sucessão dos ciclos da vida humana em que a fase adulta aparece como o melhor desses momentos (o ápice). Veja, por exemplo, a imagem abaixo, intitulada “As idades do homem”. Ela é uma ilustração em pirâmide das fases da vida humana. Podemos notar que prepondera a figura masculina e adulta: as mulheres são representadas sempre em relação aos homens e a adolescência não aparece demarcada com clareza; é como se não existisse. No ápice da vida está o homem adulto, retratando um tipo de sociedade em que jovens, crianças e mulheres são invisibilizados.



Título Original: A Idade do Homem / País de Origem: França / Tipo: Cena representada / Local: Museu Nacional de Artes e Tradições Populares (domínio público).

Como são os jovens hoje?

Mas, se em outras épocas a juventude não era reconhecida como grupo social, atualmente todo mundo parece querer ser jovem. Alguns autores dizem que, nas sociedades contemporâneas, o jovem tornou-se um “modelo cultural” (Peralva, 1997). Hoje nossa sociedade valoriza cada vez mais o tempo presente. As pessoas não orientam seu comportamento e suas escolhas tanto em função da tradição ou de um projeto futuro de longo prazo, mas pelo que elas oferecem no presente. Nesse mundo o presente tem grande força e a juventude tem um lugar especial, pelo menos do ponto de vista dos ícones culturais, estéticos e midiáticos. Todos querem se vestir, se comportar e ter um corpo juvenil.

O vídeo abaixo faz parte de uma série de quatro episódios intitulados “Adolescentes”, apresentada por Regina Casé e produzidos pela Pindorama Filmes em parceria com o Canal Futura e a TV Globo. Assista ao trecho do primeiro episódio, chamado “A Invenção”. Ao assistir o vídeo procure pensar: Você concorda com as questões abordadas no vídeo sobre a juventude contemporânea? Como são os jovens alunos da sua escola? Eles se parecem com esses jovens do vídeo? Em quais aspectos? Em que eles são diferentes?



Depois de assistir ao vídeo entre no nosso Fórum e deixe seu comentário!

Para assistir ao vídeo **CLIQUE AQUI**.

<http://www.pindoramafilmes.com.br/tv/adolescentes>

A condição juvenil

Como vimos no vídeo, a experiência juvenil não se apresenta da mesma forma para todos. O fato de nascer em uma mesma época e contexto não faz com que todos os jovens tenham os mesmos valores e atitudes. A experiência juvenil muda de acordo com a classe social, a etnia, o gênero e o lugar de nascimento. É por isso que alguns autores têm optado por utilizar o termo *condição juvenil* (Abramo, 2005; Dayrell, 2007). O uso dessa categoria representa um esforço para apreender a diversidade presente nas juventudes.

“Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais - classe, gênero, etnia etc. Na análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve”. (Dayrell: 2007, p. 1108)

Resumindo, podemos dizer que a juventude é uma fase da vida marcada por transformações de diversas ordens. Para os sujeitos que vivem essas experiências, os jovens, isso se manifesta primeiramente nas transformações no corpo, no comportamento, nas relações sociais, etc. Nesta fase os jovens passam a ampliar seu

campo de ação para além de algumas instituições, especialmente a família. Passa-se a experimentar uma maior autonomia em relação a algumas escolhas. Aumenta-se o desejo de independência, muitas vezes na forma de uma aspiração a trabalhar.

Hoje, diante das mudanças que nossas sociedades vivem, a vida dos jovens parece repleta de novas possibilidades e desafios. A juventude atual convive desde a infância com as novas tecnologias e mídias digitais. Ela cresceu em uma sociedade repleta de imagens e sons, onde as informações circulam em tempo real. Para os jovens atuais o uso do celular e a interação em redes sociais é algo corriqueiro.

Outra transformação muito importante refere-se às famílias. Vive-se uma época em que as configurações familiares se alteraram e diversificaram muito. Já não há um padrão único de família. Além disso, as relações entre pais e filhos se dão em novos termos. São relações mais horizontais, onde a autoridade é negociada e dialogada com mais frequência.

A relação dos jovens com o mundo do trabalho também se reconfigurou muito. Nas sociedades contemporâneas as transformações por que passa o mercado de trabalho afetam as experiências juvenis nesse campo. Há uma maior precariedade na inserção profissional e uma maior exigência quanto à qualificação profissional, o que traz incertezas maiores. Tornou-se mais difícil projetar a trajetória profissional a partir da ideia de um emprego para o resto da vida.

Outro aspecto a considerar são as novas e múltiplas formas de expressão cultural e de associativismos juvenis que marcam as experiências de ser jovem nas sociedades contemporâneas. Os jovens sentem e vivem essa fase da vida como um processo de construção de novas identidades. A forma de vestir, de falar, de se agrupar, de consumir, etc. são maneiras de afirmar espaços e identidades próprias, muitas vezes carregadas de mensagens sociais. Nesses percursos, eles experimentam muitas coisas novas, transitam por diferentes grupos e reelaboram constantemente suas posturas e visões de mundo, produzindo práticas e significados que compõem o mosaico das culturas juvenis.

Por outro lado, como estão abertos para novas experiências, esses processos nem sempre são vividos de uma forma tranquila, sem angústias, dúvidas e incertezas. Nesse período é comum se sentir inseguro em relação a vários aspectos, desde as decisões quanto ao futuro, como aos aspectos mais simples. Nesta fase os amigos são uma grande referência e muitas decisões são tomadas a partir de laços de confiança e reconhecimento construídos nos grupos. Assim, os grupos de pares e os espaços de

sociabilidade onde se encontram adquirem uma importância central nas suas experiências.

Vários desses aspectos serão tratados nos módulos 4 e 5 do nosso curso. Em cada um desses módulos você poderá escolher um desses aspectos para aprofundar suas reflexões. Inicialmente, é importante considerar que todas essas dimensões se cruzam na vida das juventudes contemporâneas a partir das quais os jovens aprendem e compartilham saberes e conhecimentos. Para além da escola, eles vivenciam processos educativos em outros tempos e espaços. São sujeitos socioculturais que trazem para a escola as questões e demandas de suas vidas cotidianas.

COMPARTILHANDO FRAGMENTOS

ATIVIDADE 1:

Diante do que vimos até agora, vale a pena olhar para o lado e questionarmos: **quais são as representações que normalmente as pessoas atribuem aos jovens contemporâneos? Será que levamos em consideração esta série de aspectos que influenciam a vida dos jovens, quando projetamos uma imagem sobre eles?**

Bom, então vamos pesquisar! Converse com os professores de sua escola, buscando perceber quais são as representações que eles atribuem aos jovens contemporâneos. Nesta atividade é interessante que você busque reconhecer as imagens que os professores da sua escola têm dos jovens e o que eles dizem sobre este grupo.

Depois do diálogo estabelecido entre você e seus pares, sintetize os principais pontos em forma de texto e compartilhe em nosso fórum Compartilhando Fragmentos.

OS JOVENS E A ESCOLA

A escola é uma instituição central na vida dos jovens, mas eles também se inserem em processos educativos que não se resumem à escolarização. Como vimos no módulo anterior, esta instituição passou por algumas transformações ao longo de sua história, especialmente no que diz respeito ao público que passou a frequentá-la. Com a chegada desse novo público, a escola se viu obrigada repensar o seu papel e a sua forma de organização.

Estamos acostumados a ver os sujeitos da escola como professores e alunos. Mas eles são muito mais que isso! Porque então ignoramos isso? Porque resistimos a

incorporar em nossos currículos e métodos de ensino outros aspectos da vida dos estudantes?

A instituição escolar e o aluno são construções sociais com uma longa história. Durante séculos foi se consolidando uma cultura escolar com seus tempos, espaços, métodos e currículos que hoje parecem naturais. Quando se fala em escola logo surgem imagens como o quadro, a mesa do professor, as filas de carteiras, um professor que dirige as atividades e os alunos que seguem as instruções dadas por ele.

Mas, os estudantes adolescentes e jovens de hoje têm cada vez mais dificuldades em se adaptarem a esse tipo de escola. Esse modelo exige que o aluno esteja fixo em sua carteira, obediente aos comandos dados pelo professor de acordo com o seu planejamento. Quando pode participar, o jovem aluno deve se engajar em tarefas que são predeterminadas sem nenhuma ou pouca autonomia. Muitas vezes, espera-se dele apenas disciplina e respeito à rotina escolar. Além disso, como os tempos e espaços escolares são muito fragmentados, restam poucas possibilidades para reconhecer e incorporar as diversidades juvenis na vida escolar. Nessa escola sobra pouco espaço para a interação e o debate em torno de temas que interessam aos jovens. A sociabilidade juvenil, por exemplo, é pouco valorizada. São poucos os momentos de encontro e de diálogo proporcionados pela escola, que ultrapassem os controles da sala de aula.

OUTRAS CORES

Se você quiser saber mais sobre essa história leia a obra de José Gimeno Sacristán, *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005. Veja a sinopse do livro:

"O aluno como invenção" é uma obra que pretende resgatar o valor do sujeito escolarizado como um referente essencial para projetar, desenvolver e avaliar a qualidade da educação. Com um enfoque interdisciplinar, J. Gimeno Sacristán percorre a trajetória seguida pelos jovens para se transformarem em escolares sob o olhar vigilante, disciplinador, protetor e amoroso (às vezes rude e pouco amistoso) dos adultos e, mais especificamente, dos pais, mães, professores e professoras. Além de revelar uma realidade a qual podemos nos tornar insensíveis por estarmos em contato diário, o autor oferece argumentos para resistir as correntes dominantes do pensamento que sacralizam os conteúdos do ensino, como se eles fossem a essência máxima da educação. Quando a preocupação pela qualidade do ensino faz parte de todos os discursos sobre o presente e o futuro dos sistemas educativos é preciso lembrar que a qualidade da educação - que não é necessariamente a mesma - exige olhar



e se dirigir para o aluno, que, ao melhorar como pessoa, aprendiz e cidadão, torna a sociedade melhor.
 (Mais informações sobre o livro estão disponíveis em http://www.relativa.com.br/livros_template.asp?Codigo_Produto=9903&Livro=O-Aluno-como-Invencao&Autor=-J.GIMENO-SACRISTAN).

Como lidar com essas contradições entre o modelo escolar e a vida dos jovens? No território escolar se entrecruzam as culturas da escola moderna, com sua forma historicamente construída, com as culturas dos professores e dos jovens. Isso traz uma série de dilemas e desafios. Esse encontro muitas vezes é marcado por tensões.

No caso de países como o nosso, as relações dos jovens com a escola parecem ainda mais complexas. Essa *forma escolar* encontra uma sociedade reconfigurada e um novo público, mas em um contexto de grande desigualdade social. Como vimos no módulo anterior sobre a realidade do ensino médio no Brasil, a expansão da escolarização básica trouxe para o interior da escola um público que historicamente estava excluído dela. As novas gerações são mais escolarizadas que seus pais. Muitos estudam desde a primeira infância. E eles trazem consigo as experiências de uma sociedade marcada por relações desiguais em termos de raça, gênero, religião e classe social. E o pior é que, muitas vezes, a escola reproduz tais desigualdades silenciosamente.

Os jovens, a escola e alguns questionamentos

O vídeo “Juventude Nota 10” é uma produção do Canal Futura, que, além de debater as imagens que contemporaneamente construímos sobre jovens, traz reflexões de especialistas acerca das relações do jovem com a escola.

CLIQUE AQUI e assista ao vídeo.

http://www.youtube.com/watch?v=TWmOLGRFC_M



As relações dos jovens com a escola são complexas, pois vão além do horizonte cognitivo ou normativo que preocupa boa parte dos professores. Na ótica dos jovens, entram em jogo suas esperanças e frustrações, suas relações e construção de identidade. Eles têm grandes expectativas quanto ao impacto da escolarização nos

planos futuros, muitas vezes na forma de sonhos e projetos pouco elaborados. Ao mesmo tempo, o contexto social e familiar impõe uma série de limites a partir dos quais se configuram suas experiências escolares. O presente, com suas incertezas e limitações, nem sempre está sintonizado com as imagens que idealizam para si no futuro. O depoimento de um jovem para uma pesquisa realizada com estudantes do ensino médio do Pará em 2010 nos dá a dimensão disso:

“Desde o início, quando a gente começa se desenvolvendo como homem, como moça, a dúvida vem batendo e vem mudando conforme a gente vai vivendo. Quando a gente tem o primeiro filho homem, a gente fica ouvindo o pai da gente falar: “Ou vai ser jogador de futebol ou do exército”. Então, era esse o meu sonho! Primeiro o exército. Foi mudando, porque com 19 anos eu mudei de cidade. Então, a gente se apresentando em outra cidade, a prioridade maior é pra aquelas pessoas daquela cidade. Eu fui morar no Amapá. Então, lá encerrou o meu primeiro sonho. Ai eu comecei a frequentar a igreja e o meu sonho daí em diante era ser pastor. Mas aí pareceu uma mulher na minha vida e me tirou do caminho. Mais um sonho que se foi (...). Depois que voltei a estudar aqui, o professor de geografia me fez gostar de geografia (...). Isso me chamou atenção e me levou a ter essa ascendência de me formar pra geografia, de terminar esse terceiro ano, de prestar o vestibular ou fazer alguma coisa mais desenvolvida! Esse é o meu outro sonho! A gente conforme vai andando, vai aprendendo e tirando aquela dúvida. A gente planeja uma coisa, mas não tem condição de ser aquilo.” (Homem, 23 anos).

Essas questões serão discutidas de maneira mais aprofundada no módulo “Juventude e Projetos de Futuro”. Interessa aqui lembrar que a trajetória escolar tem um importante papel no futuro dos jovens e assume diferentes significados dependendo do momento vivido. Mas o contexto escolar não ajuda muito! Os jovens, quando falam da escola, em geral fazem muitas críticas. Mesmo que de forma pouco elaborada, eles revelam um olhar aguçado sobre os problemas da escola pública. A falta de investimentos, as condições de trabalho dos professores, o modo como muitas aulas acontecem, a relação com os professores, tudo isso é objeto de um olhar às vezes “desencantado” para o universo escolar.

De uma maneira geral, há muitas queixas em relação aos problemas de funcionamento e organização das escolas públicas. Isso é percebido como falta de compromisso do Estado. Em geral, os jovens alunos se sentem muito insatisfeitos com o ambiente físico da escola. Escolas feias, mal cuidadas, com grades e funcionando precariamente causam um grande mal-estar.

Eles sabem que isso não é culpa do professor e criticam o Estado também pela falta de uma política de valorização do magistério. Mas esse clima, muitas vezes produz uma tensão na relação entre professores e jovens alunos. Especialmente quando os

professores, reagindo às precárias condições de trabalho, passam a faltar ou não se envolvem com a profissão. Esta tensão geralmente afeta o sentimento de estima, tanto de professores quanto de jovens alunos, alimentando o desencanto com a escola. O ambiente escolar fica ruim e os educadores deixam de ser presenças significativas na vida dos jovens. A relação pedagógica fica comprometida e, a partir daí, os conteúdos parecem cada vez mais distantes da vida.

Muitos jovens estudantes expressam suas dificuldades para estabelecer uma conexão entre os conteúdos curriculares e suas vidas. Com isso eles não conseguem encontrar nenhum interesse na escola. Para eles as aulas e atividades escolares são vazias de sentido e frequentar a escola é muito entediante. Como já vimos no Módulo 2, um estudo da Fundação Getúlio Vargas, com jovens do ensino médio brasileiro, intitulado “Motivos da Evasão Escolar”, concluiu que a maior parte dos jovens (40,3%) não frequentam a escola por falta de interesse.

OUTRAS CORES

Com o título “Uma relação de amor e ódio”, a edição número 200 da Revista Nova Escola, de março de 2007 abordou o modo como os jovens veem a escola. Através de depoimentos e fotos produzidas pelos próprios jovens, a reportagem trata os sentimentos bons e ruins dos jovens em relação ao espaço escolar, os professores, a relação com os estudos, os sonhos dos estudantes etc. Veja a reportagem! CLIQUE AQUI.
<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impresas/200.shtml>



Os jovens, a escola e seu(s) sentido(s)

São muitos os sentidos da escola elaborados pelos jovens alunos a partir de suas experiências em diferentes espaços e relações sociais. A motivação para estudar e o modo de ser na escola depende muito das experiências, dos interesses e das identidades que eles constroem na vida, a partir da realidade vivida e das interações com outras pessoas e instituições. Isso implica compreender que os jovens são ativos e produzem uma maneira própria de ver e valorizar a escola a partir da interação com outros sujeitos em diferentes contextos sociais. Por exemplo, a escola é muito diferente para jovens de classe média, filhos de pais escolarizados. Para eles, uma longa escolarização é algo esperado e na qual podem “apostar suas fichas”. Para jovens das camadas

populares, a experiência dos pais e de outros amigos de bairro nem sempre acenam para um futuro promissor a partir da escolarização. Mas a inserção em espaços coletivos ou outros agrupamentos juvenis - grupos de jovens da igreja, grupos culturais, projetos sociais - podem contribuir para um maior engajamento escolar. Ou mesmo uma experiência individual no trabalho ou na vida pessoal - um relacionamento afetivo, uma amizade, o contato com um parente - pode fazer a diferença na relação com a escola.

Você já parou para pensar que a escola pública deveria ser um suporte a mais na vida dos jovens alunos? A escola tem um lugar especial como uma instituição onde os jovens alunos podem refletir sobre suas escolhas, seus valores e expectativas na vida. Ela pode ser uma referência para eles, um suporte com o qual podem contar para se orientarem na construção de suas trajetórias de vida.

PARA PENSAR:

“Na escola cruzam-se, durante anos, milhares de jovens em busca de um sentido para a vida. Em alguns casos, a escola reforça os sentidos já iniciados nos contextos familiares, noutros poderá ter um efeito destrutivo, noutros ainda possibilitará aos jovens construir novos sentidos. É, em grande medida, na escola que se começam a tecer e a ganhar forma os sentidos da vida, à medida que se projectam e ensaiam não só carreiras e competências, mas também posições e disposições. As identidades são em parte isso mesmo: sentidos de vida. Alavancas do dinamismo nas sociedades contemporâneas, as trajetórias, quer de mobilidade social, quer de mudança cultural, têm a escola como um dos palcos principais. A escola constitui um contexto fundamental na estruturação das identidades juvenis, isto é, na definição das posições, disposições e projetos dos jovens.” (Trecho extraído do livro *Os Sentidos da Escola* de Pedro Abrantes).
Qual lugar a escola ocupa na vida dos jovens de sua escola? Você consegue perceber diferentes sentidos da escola entre eles?

Para alguns jovens alunos a escola representa uma *obrigação* que os pais ou a sociedade impõem. Para outros, estudar está diretamente relacionado à sua inserção no mercado de trabalho. Assim, traçam planos para o futuro profissional e esperam que a escola contribua para a sua mobilidade social. Outros valorizam a escola do ponto de vista dos aprendizados que ela proporciona para a vida. Para muitos o valor da escola está no fato de ser um lugar em que encontram os amigos, fazem amizades e se relacionam.

Isso não quer dizer que a relação com a escola seja apenas uma questão de desejo individual. Ela está intimamente ligada às inserções socioculturais de cada um. Por exemplo, como dito anteriormente, a sociabilidade também é muito importante na condição juvenil. Dentro ou fora da escola, os jovens fazem amizades, circulam em grupos pela cidade, namoram e “ficam”, frequentam shoppings e cinema, visitam as

casas uns dos outros etc. Hoje com a internet, ampliam-se as possibilidades que os jovens têm de manter contatos, fazer amigos e participar de grupos virtuais.

A sociabilidade é uma dimensão central na vida juvenil que a escola não pode esquecer. Nas interações com os amigos os jovens “trocam ideias”, produzem valores, hierarquizam relações e recriam os tempos e espaços escolares. Nessas interações os jovens elegem os “amigos do peito”, circulam entre turmas e “galeras”, sem um tempo pré-definido, no lazer ou no uso do tempo livre. Na escola ela está presente também nas brechas da rotina escolar, onde os jovens criam e recriam os tempos e espaços expressando aspectos das culturas juvenis (Dayrell, 2007).

Longe do que muitas vezes parece, a sociabilidade juvenil não é um problema para a escola. As interações coletivas proporcionadas pelas práticas de sociabilidade apresentam potencialidades que podem ser incentivadas na escola. Atividades interativas, estímulo ao diálogo, à organização autônoma e à produção coletiva podem fazer parte do cotidiano escolar. Não se pode pensar que ser jovem e ser estudante são incompatíveis. Não existe processo educativo sem sujeitos concretos, com suas práticas, experiências, valores e saberes. A tarefa da escola é construir um vínculo entre a identidade juvenil e a experiência de ser aluno.

A escola é lugar de aprender. Então é importante compreender como os jovens aprendem. No módulo 4 vamos discutir isso com mais calma, mas aqui nos interessa apenas notar que os jovens demandam da escola conhecimentos que lhes sejam importantes para a vida. As posturas, atitudes e críticas expressas à escola denunciam, em muitos casos, a falta de sentido dos currículos e métodos de ensino. Na pesquisa já citada, realizada no estado do Pará, os jovens demandavam uma escola que lhes ensinasse vários conteúdos ligados à formação profissional, à preparação para concursos, ao ingresso no ensino superior etc.

Mas isso não quer dizer que a escola deva se limitar a esse papel instrumental. Como podemos ver no depoimento abaixo de um jovem, demanda-se uma escola que faça sentido para a vida em geral, que permita compreender a realidade e conectar o que se aprende na escola com o seu cotidiano.

“Nós vemos em propagandas na TV a frase: “Acabou a coreba! O que vale é o que nós aprendemos de fato.” Mas será que os alunos sabem o que é esse aprendizado de fato? Será que os professores sabem passar esse aprendizado? Eu creio que essa maneira de aprendizado deva ser levado pra nossa realidade do cotidiano. O aluno deve olhar pela janela e ver o que ele aprendeu na escola. Saber por que ele está aprendendo aquilo.” (Grupo de Discussão 8)

Os jovens, a escola e a relação com outros sujeitos

Um último aspecto a se pensar é que o professor tem um papel importante na mediação entre ser aluno e ser jovem. Educar neste cenário nos pede uma maior inserção no universo juvenil: estar próximos dos jovens e aprender a ouvi-los, mapear suas potencialidades e estabelecer relações interpessoais mais significativas. Nas sociedades modernas a escola é a instituição cuja função específica é formar as novas gerações para a vida social. Seus tempos, espaços, métodos e estruturas são definidos com uma intencionalidade educativa. Neste contexto diferentes gerações se encontram. Como diz Teixeira (2007), “na relação professor e aluno está o coração da docência”.

A relação dos jovens com a escola é em grande parte construída a partir desta mediação. Sabemos que nem tudo depende do professor e não pode pesar sobre ele toda a responsabilidade pela qualidade da educação no país. Mas ele tem um lugar central nos processos educativos escolares. Além de transmitir conteúdos e apontar valores estabelecidos socialmente, o/a professor/a é um sujeito entre sujeitos, mediador de relações e de construção de sentido. Educar neste cenário nos pede uma maior inserção no universo juvenil: estar próximos dos jovens e aprender a ouvi-los, mapear suas potencialidades e estabelecer relações interpessoais mais significativas. Dependendo da sua postura, do nível de diálogo que mantém com seus alunos, de sua abertura para conhecer a trajetória e demandas de cada um, o/a professor/a pode contribuir para que os seus alunos construam sentidos positivos para a vida escolar.

EXPLORANDO MATERIAIS

Veja agora alguns relatos de projetos desenvolvidos com jovens que tiveram como objetivo fazer a mediação entre a escola e os jovens. Você vai gostar!

A ONG Ação Educativa de São Paulo desenvolveu um projeto em parceria com escolas do ensino médio da Região Metropolitana de São Paulo intitulado Projeto NEPSO - Nossa Escola Pesquisa a Sua Opinião. Conheça alguns depoimentos e relatos do projeto nas escolas assistindo os vídeos abaixo.

- ❖ <http://www.youtube.com/watch?v=UPYiilrnX-s>
- ❖ <http://www.youtube.com/watch?v=AbWb8BXzMnA>





A mesma ONG desenvolveu também um projeto nos anos de 1999 e 2000 com o objetivo de colocar em diálogo o “mundo da escola” e o “mundo juvenil”. Intitulado “Culturas Juvenis, educadores e escola”, o projeto promoveu atividades que reuniam educadores das escolas públicas da Região Metropolitana de São Paulo e um coletivo de jovens participantes de grupos juvenis da cidade. O relato do projeto está disponível no site www.acaoeducativa.org com o título “O encontro das culturas juvenis com a escola” (CORTI, FREITAS, SPOSITO, 2001). <http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/o-encontro-das-culturas-juvenis-com-a-escola>

COMPONDO O MOSAICO

ATIVIDADE 2:

Que tal conhecermos um pouco mais sobre a realidade da sua escola. Para isso convidamos você a fazer uma pesquisa com eles, buscando compreender alguns aspectos da condição juvenil na sua escola. Como é o cotidiano deles? Para os estudantes da escola, quais os principais desafios e aspectos positivos de ser jovem hoje? Quais projetos eles têm em relação ao futuro? O que eles pensam da escola? Eles acreditam que a escola possa ajudá-los na realização de seus projetos de futuro? Como gostariam que ela fosse?

Você pode escolher entre várias estratégias de pesquisa:

- 1 - Promover junto com algum(a) professor(a) um debate em uma turma escolhida para esse fim.
- 2 - Convidar alguns jovens para um grupo de discussão em torno do tema.
- 3 - Entrevistar jovens estudantes da sua escola individualmente.

Faça uma síntese de duas laudas dos principais aspectos debatidos, diferentes pontos de vistas etc. e poste no fórum da sua turma.

Recado Final:

Car@ cursista,

Como vimos, a juventude brasileira é marcada por experiências e trajetórias muito diversificadas. As desigualdades e os contextos históricos e sociais contemporâneos trazem inúmeros desafios e possibilidades para a vida dos jovens. Compreender esses jovens e inseri-los em processos educativos escolares com os quais eles se identifiquem e se sintam motivados não é tarefa fácil. Isso exige estar atento às múltiplas dimensões que marcam a sua condição juvenil. É o que iremos discutir nos dois próximos módulos 4 e 5. Você poderá escolher aquelas temáticas que mais lhe interessam compreender em relação aos jovens da sua escola.

Boa escolha! Bom trabalho!

Geraldo e Helen

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-174.
- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks, o espetáculo urbano*. São Paulo: Scrita, 1996.
- ABRANTES, Pedro (2003), *Os Sentidos da Escola - Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*, Oeiras, Celta Editora.
- CASTRO, Inês Teixeira de. Da Condição Docente. *Educação e Sociedade*. Vol. 28, n. 99, p.426-443, maio/ago. 2007
- CORTI, Ana Paula & SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 11-12.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A escola faz as juventudes?* Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, v. 28, p. 1105-1128, 2007.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio; LEÃO, Geraldo; REIS, Juliana Batista dos. *Pesquisa Diálogos com o Ensino Médio*. Belo Horizonte: Observatório da Juventude da UFMG; Observatório Jovem da UFF, 2010. Relatório.
- SACRISTAN, Gimeno. *O aluno como invenção*. Artmed, 2005.
- PERALVA, Angelina T. *O jovem como modelo cultural*. In: *Revista Brasileira de Educação-ANPED - Juventude e Contemporaneidade*. n. 5 e 6, 1997, pp. 15-24.
- SPOSITO, M. P. *Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil*. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo. (Org.). *Retratos da juventude brasileira*. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, 2005, v. 1, p. 87-128.